

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 5 DE ABRIL DE 1917

ANO I—N.º 19

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
PAGAMENTO ADEANTADO
ANO... .. 1\$00 BRAZIL
SEMESTRE... .. \$50 ANO..... 7\$000
NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO DA ABBGOARIA, 28 — TELEPHONE 2337-C. — LISBOA

A GUERRA E A PAZ

ENTREVISTA COM O SR. DR. MAGALHÃES LIMA

A PREPARAÇÃO PARA A PAZ É UM FACTO TÃO IMPORTANTE COMO A PARTICIPAÇÃO NA GUERRA. — O FIM DA CONFLAGRAÇÃO DEPENDE DOS INCIDENTES E DOS FACTORES QUE NÃO PODEM PREVER-SE. — A SITUAÇÃO DOS ALIADOS. — O QUE NOS CONVEM FAZER PARA TIRAR-MOS DAS CIRCUMSTANCIAS OS BENEFICIOS QUE A NOSSA COOPERAÇÃO NOS DA' DIREITO.

ANTES de começar a sessão do Conselho de Turismo, procuramos o sr. Dr. Magalhães Lima, agora chegado do estrangeiro, para ouvirmos a sua auctorizada opinião sobre os resultados praticos que a proxima paz trará ao nosso paiz.

Dez minutos de espera, na elegante sala de visitas da Repartição de Turismo; dez minutos esses, que decorrem rapidos, emquanto que, pela nossa vista, passamos o bellissimo livro do sr. Manuel Monteiro, *O Douro*. Aparece-nos, então acompanhado do sr. Dr. Athayde, o sr. Dr. Magalhães Lima, que saúda a nossa Revista com palavras de lisonjeiro louvor.

O sr. Dr. Magalhães Lima, que não viamos ha muito, pareceu-nos mais moço, o diplomata de sempre, fino, amavel, um parisiense emfim.

Exposto o motivo da nossa visita, responde-nos:

—Estou plenamente ao seu dispôr.

—Qual é a opinião de V. Ex.^a acerca da duração da guerra?

—Antes de lhe dizer o que penso sobre este assumpto, devo afirmar-lhe que os proprios beligerantes discordam entre si, quando se trata da duração da guerra. Assim, ao passo que os inglezes entendem que a guerra será longa, os francezes, pelo seu lado, fixam o seu termo para o proximo outomno. Como quer que seja,



DR. MAGALHÃES LIMA

o termo da guerra depende, a meu vêr, de incidentes e circumstancias que não é facil prevêr. Convém, antes de tudo, perguntar: terminará a guerra por uma victoria pelas armas, ou pelo exgotamento economico de qualquer dos beligerantes? Tudo leva a crêr que a Alemanha será obrigada a capitular pela fome.

«Os seus homens de Estado o teem declarado publicamente, attribuindo á Inglaterra o intuito de a vencer por esse meio.

«Dado o caracter que reveste esta guerra, ocorre ainda perguntar se o seu termo não poderá ser assignalado por uma revolução interna que iniba qualquer dos beligerantes de proseguir a lucta.

—Qual é a opinião de V. Ex.^a sobre a situação dos beligerantes?

—A resistencia de parte a parte é prodigiosa.

«Dizia-me, ha pouco, um distincto official da marinha ingleza com quem viajei:

«Nós, os inglezes, temos cinco milhões de homens em armas, e, se fôr preciso, elevaremos esse numero a dez milhões. Nada nos intimida. A cada dois homens nossos, opõe o inimigo, na frente occidental, apenas um. Pelo que diz respeito a munições, em especial á artilharia pesada, tambem a nossa superioridade é incontestavel. Os Zepelins, já ninguem os toma a sério. Cahiram em descredito, pela sua inutilidade. Aos submarinos, ha de succeder o mesmo. Teremos meios de neutralisar a sua ação. Ha de vêr! Ha de vêr!—exclamou o referido official, com ardor e convicção.

—E, com respeito á França?

—Com respeito á França, dir-lhe-hei que conhecia, pela historia, o patriotismo de muitos povos. Mas o patriotismo da França excede tudo o que humanamente se possa imaginar. E' o patriotismo silencioso, resignado, de quem põe o seu dever acima de todas as conveniencias e vantagens pessoais. E' precisamente o que falta entre nós. Os odios pessoais sobrelevam a todas as demais considerações. Ha muitos portuguezes influentes, que não teem a comprehensão da situação que atravessamos.

—Crê que Portugal ganhou internacionalmente com a sua participação na guerra?

—Imensamente. Se o não tivesse-mos feito, as consequencias haveriam de sêr funestas para o nosso futuro. Na nossa qualidade de portuguezes, não temos senão a orgulhar-nos pelo facto que nos coloca ao mesmo nivel das demais potencias beligerantes. O es-

forço portuguez, sob o ponto de vista do desinteresse e do sacrificio, pôde considerar-se mesmo superior ao d'essas potencias. E' uma pagina que nos honra; é como que a resurreição da nossa nacionalidade.

—Supõe, então, que nos advirão benefícios incalculaveis, quando se realisar a conferencia da paz?

—Absolutamente. A nossa cooperação na guerra envolve uma outra obrigação, não menos importante: é a preparação para a paz. Os povos que não souberem preparar-se para a paz, não tirarão da guerra as vantagens a que terão direito. E' preciso aproveitar o momento da guerra para uma propaganda comercial, industrial, turística, economica, n'uma palavra, afim de compensar mais tarde os enormes sacrificios que fazemos, pelo fo-

mento da riqueza nacional. Será este o corolário a tirar da nossa participação na guerra, em beneficio do paiz.»

la a começar o Conselho. Estendemos a mão para o chapeu. O nosso entrevistado fala-nos ainda, já de pé, da proxima vinda a Portugal de um enviado da casa Gaumont, de Paris, cinematographar as nossas paisagens e monumentos, a que n'outro logar nos referimos.

E, ao despedirmos, diz-nos ainda, com um aperto de mão efusivo:

—Estou sempre ao dispôr da vossa Revista.»

Abalámos; e, já na rua, ainda vinhamos a scismar no entusiasmo que ao ilustre presidente do Conselho de Turismo, merecem os interesses do nosso Paiz.

se não fizer por influencias politicas, qualquer idéa que não tenha a sua contrapartida em votos, ou um empreendimento que não encontre protecção nem em uma nem em outra coisa, não vae por deante, nunca se effectua, fica sempre no vasto campo das irrealidades.

Por isso o mercado lá continua impávido, como que sorrindo bonacheironamente aos que o olham com o desprezo que merece... e quem alli o consente.

JOSÉ LISBOA

Portugal, cinematographado aos olhos do mundo inteiro

EM FIM. Portugal tambem vae ter jus a ser photographado por uma das maiores companhias de animatographo da França.

Para o fim do mez de Abril chegará a Lisboa um operador da casa Gaumont, a fim de cinematographar as nossas paisagens, os nossos monumentos e os nossos costumes caracteristicos.

Vae pois o mundo inteiro admirar o que nós temos de belo e de interessante. Nada faltará, desde as nossas belas paisagens de entre Douro e Minho e do Vale de Lafões ás penedias do Alto Douro, do Corgo e do Tua, desde os costumes caracteristicos do Minho e de Ovar até aos pegueiros alentejanos, desde as nossas cascatas de neve da Serra da Estrela até ás vastas planicies da Gollégã, desde os nossos monumentos, como a Batalha e os Jeronymos, até ás nossas obras de arte moderna e artistica.

Não podia ser concedido ao nosso paiz melhor meio de propaganda, não podiam as nossas belezas ter melhor repercursor.

A Repartição de Turismo, está organisando o programma, e procura empregar os meios para que todas as facilidades sejam concedidas aos operadores.

Os caminhos de ferro, podemos affirmar-lo auxiliarão a grandiosa empreza com tudo que esteja ao seu alcance.

Bem vindos pois.

BORDALLO PINHEIRO

VAE por estes dias ser mudado o nome de Largo da Abegoaria, onde se acha instalada a nossa redacção e oficinas, para Largo Raphael Bordallo Pinheiro, em homenagem ao ilustre artista.

Nas esquinas vão ser collocadas placas artisticas, de faiança feitas pelos antigos operarios do grande mestre.

O TURISMO EM PORTUGAL

Nos artigos que, sobre este importante thema, teem sido publicados nos nossos anteriores numeros, temos defendido incessantemente a idéa de, embora simultaneamente com a pratica d'uma intensa acção no estrangeiro, se ir dispondo o nosso Paiz á attenção dos turistas extranhos, ponto este que achamos de capital importancia para que elles nos visitem.

Na sequencia d'essa idéa e em seu poderoso auxilio, iremos frisando, pouco a pouco, alguns dos motivos que se destacam na nossa Cidade e cujo aspecto, prejudicando enormemente a esthetica que ella deve conservar, segundo a cathogoria de 1.^a ordem que pretende ter, muito pode influir para afugentar quem faça tenção de nos visitar, ou, ainda, para que, pelo que se lhe depare logo de entrada, possa avaliar do que interiormente cá se passa.

Entrando, pois, propriamente n'esse capitulo, vamos hoje exhibir um d'esses motivos, que enfileira ao lado das muitas monstruosidades que se encontram na nossa Terra. E' elle o do edificio do mercado, na Rua 24 de Julho, vulgo *Aterro*. Em qualquer povoação de provincia d'um Estado civilisado não se consentiria que semelhante aborto, embora levantado a titulo provisório, estivesse de pé mais do que o tempo necessario á construcção do edificio apropriado que o substituisse definitivamente.

Se assim não acontecesse, e se uma rajada de forte vento o não levasse pelo ar, lá estaria, sem duvida, o camartello popular para o fazer cahir, como signal de vehemente e legitimo protesto pela

incuria que esse facto representava.

Isto—entenda-se—passar-se-hia n'uma qualquer povoação de provincia d'um Estado civilisado, onde os habitantes, presumpçosos das bellezas da sua terra, não consentiriam uma semelhante affronta aos seus brios, ao seu gosto, á esthetica do seu torrão natal; e tal, certamente, não chegaria a um tão imperioso termo, porque a respectiva municipalidade não desejaria ser censurada ou acoiada por defender menos zelosamente os interesses que estavam confiados á sua administração.

Aqui, em Lisboa, Capital d'um Estado que se diz *civilisado*, cidade de marmore e granito á beira-mar plantada (segundo o canto do poeta), pretendo caes da Europa (!) e seu favorito jardim (!), aqui... ha d'isso e muitas outras coisas mais; mas a essas chegar-lhes-ha, tambem, a vez de serem *cantadas* em proza rustica.

Por hoje limitamos a nossa apreciação ao mercado de hortaliças e fructos.

E' simplesmente vergonhoso que na nossa cidade se consinta ainda semelhante *monumento*.

Não ha, n'esta terra, um sentimento patrio, um vislumbre de carinho pelo que nos pertence?

Não ha, então, ninguém, absolutamente ninguém, que preze a sua dignidade e que se levante e arraste atrás-si uma multidão para derrubar aquelle monturo, visto que ainda não houve uma vendaval humanitario que o levasse na furia das suas azas?!!

E' triste dizê-lo: mas realmente assim é.

N'este mal-aventurado Paiz o que

HOTEIS DA PROVINCIA

No final do artigo publicado no nosso anterior numero, fizemos reserva das considerações que o assumpto nos suggeriu para artigos subsequentes. Por isso aqui estamos de novo, escarpelizando este *enfermo*, tanto mais que o seu exame anatomico é de molde a attrahir a attenção dos *mestres* que, em magno concilio, se devem reunir nos ultimos dias do corrente mez.

Essa reunião de *magisters* tem por divisa o *Congresso hoteleiro*; e, dada a profusão de theses que sobre este importante assumpto vão ser expostas e defendidas, é de esperar que se assente no regimen a impôr para a cura d'uma das maiores enfermidades que atrophiam o desenvolvimento da... industria do turismo.

Devemos, primeiro que tudo e em boa verdade, não nos arrogarmos o direito de *primeurs* na accusação das enfermidades que obliteram a missão dos hotéis das nossas provincias; pois que a Sociedade Propaganda dedicou-lhe já os seus cuidados; e, mais recentemente, a douta Repartição de Turismo—nos dois relatorios que publicou—mostrou já claramente as suas intenções a tal respeito.

Como prova do que affirmamos, para aqui trasladamos a parte que ao assumpto se refere e onde se fazem as mais sensatas e cabaes apreciações.

«Por mais inverosimil que isto pareça, o certo é que o Conselho de Turismo e respectiva Repartição, não tem jurisdicção alguma sobre os hotéis e estabelecimentos congêneres, não tendo competencia, tambem, para intervir nos frequentes attentados que se commettem por essas praias, thermas e estancias de turismo, que, exclusivamente entregues ás iniciativas locais, se arriscam com obras phantasiosas e levanamente concebidas, a comprometter para sempre o seu futuro.

«Existindo um Conselho de Turismo, parece que a elle deveria estar subordinado tudo o que n'este Paiz interessa á industria da vilegiatura. Tovia assim não succede, o que só pode acarretar funestos resultados.

Procurando modificar este estado de cousas e estabelecer a directa fiscalisação do Conselho sobre serviços de incontestavel importancia para o turismo nacional, serviços que são, por assim dizer, a sua base exclusiva, elaborámos um projecto de lei em que ficavam dependentes de approvação do Conselho de Turismo determinadas obras nas localidades que fossem clas-

sificadas como de turismo e em que se sujeitavam todos os hotéis do Paiz á fiscalisação da Repartição de Turismo. Este projecto, que trancrevemos mais adeante, parece-nos corresponder ás necessidades do momento, sendo a primeira tentativa que entre nós se faz para encaminhar para uma solução satisfactoria, um dos problemas reputados mais importantes, e de que o Paiz, com bem fundadas razões, espera colher largos beneficios.

«As estancias de turismo tem estado até hoje, e sabe Deus quanto tempo ainda assim continuarão, confiadas ás camaras municipais, que, nem sempre, infelizmente, estão á altura das funções que sobre ellas impendem.

«Sujeita o projecto, tambem, todos os hotéis do Paiz, á fiscalisação da Repartição de Turismo. Nada mais sensato. A Repartição de Turismo, sob pena de não se dar um passo em materia de turismo, não pode continuar extranha á vida hoteleira do Paiz. A actual situação não pode, nem deve manter-se. Depois de, durante annos, se ter fallado e discutido em todos os tons o problema do turismo, chega-se á seguinte conclusão, que aliás ressaltára logo da primeira vez que se encarou o assumpto: são necessarios bons hotéis.

«Temo-nos cansado de dizer que o turismo não é só a viagem de estrangeiros; é, tambem, e, sobretudo, com ella que devem, por enquanto, contar os nossos hotéis,—a *viagem do portuguez*. E' preciso partir do principio que hoje milhares de familias portuguezas estão no costume de viajar no estrangeiro, e que umas, frequentando melhores hotéis, outras hotéis mais inferiores, nenhuma d'ellas se hospeda em hotéis como a maioria dos nossos, que não passam, tantas vezes, de miserandas hospedarias; vendo-se essas pessoas impossibilitadas de conhecer o nosso Paiz visto não quererem, e com razão, sujeitar-se aos incommodos resultantes d'uma preccaria hospitalidade.

«Se tivéssemos, por toda a parte do Paiz, hotéis em boas condições, impediríamos que essas familias sabissem para o estrangeiro?

«Evidentemente que não, nem mesmo d'isso carecemos; mas o que se conseguiria é que ellas reservassem uns tantos dias da temporada que tivessem fixado para viajar, para percorrerem a pouco e pouco o nosso Paiz. Calcule-se o que isto não representa-

ria para o desenvolvimento do turismo e para a riqueza de Portugal!

«Por conseguinte, torna-se absolutamente indispensavel dotar os nossos hotéis, ou aquelles que assim se queiram intitular, com certas commodidades e certos confortos imprescindiveis. Não se trata—note-se bem—de luxos ou de exigencias requintadas, mas de detalhes que constituem hoje o *abc* dos estabelecimentos do genero»

O que acima fica archivado n'estas columnas é a mais pura realidade. E' insuspeita a Repartição de Turismo, como nós tambem o devemos ser, para tratarmos do assumpto; e a nossa visão, como aliás a d'aquella illustre Instancia, não nos conduz a idealismos nem a utopias, mas á realidade bem palpavel dos factos.

No nosso numero anterior mostrámos já como a França se está movendo e preparando para, finda que seja a grande guerra, se defender da concorrência que os outros paizes possam fazer á sua industria de turismo; e um dos pontos do seu programma que maiores disvelos lhe tem merecido, é precisamente o que se refere á hoteleira franceza que, se em algumas partes poderia deixar alguma coisa a desejar, nunca a sua insufficiencia se poderia parallelizar com o que sempre se manifestou nos nossos hotéis em geral e, em especial, nos das provincias portuguezas.

E, pois, que para nós Portuguezes, este assumpto é de capital importancia, d'elle nos occuparemos no seguinte numero da *Revista de Turismo*.

Hotel de S. Martinho do Porto

JÁ foi iniciada a construção do novo hotel de S. Martinho do Porto, conforme o projecto que aqui demos no nosso numero de 5 de Agosto ultimo.

Fica pois a ridente praia de S. Martinho com um magnifico hotel, com o que muito lucrará o turismo e especialmente o progresso local.

«ESMERALDA»

CONTINUA esta interessante revista a publicar-se regularmente, pugnano pelos interesses da sua especialidade, ourivesaria e joalheria.

Recebemos o 3.º numero que vem como os anteriores, com excelente trecho e optimas photogravuras.

N'este numero dirige-se á nossa revista com palavras que muito nos captivam.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

A GUARDA

FARTA, FEIA E FRIA. Era este o cognome porque durante seculos foi conhecida a mais alta cidade portuguesa. Hoje, porem, mercê da rasgada iniciativa dos seus filhos e da sua magnifica situação, que obrigou ali a construir os vastos sanatorios que lhe vieram dar beleza e nome, a celebre trindade dos FFF poderá modificar-se para *Farta, Fria e Formosa*.

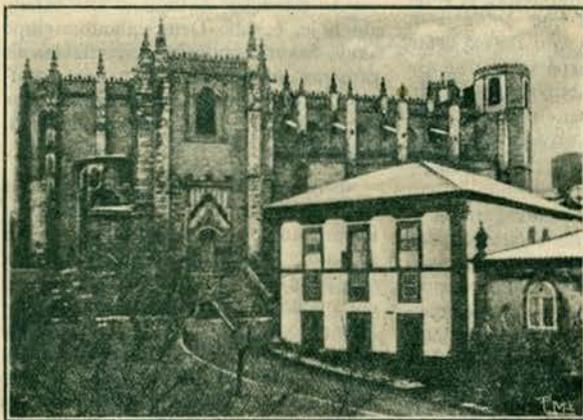
Ha uma duzia de anos que a famosa cidade de D. Sancho, se alinda e se modernisa. Mas o camartelo demolidor tem sido ali consciente e artista.

As pedras denegridas das paredes velhas ainda não rolaram pela mão devastadora da demolição, para se erguerem novas construções de arquitectura barata e de procedencia estrangeira. Lá está ainda o Paço do Bispo, com o seu ecclesiastico brazão na quina da fachada, e com as paredes velhas como paginas de pergaminhos enegrecidas; lá estão as casas fidalgas com o alpendre e as portas largas de gonzos compridos de ferro batido, lá estão os braços dos velhos fidalgos da Beira, ganhos nas rijas pelejas das envestidas castelhanas, e lá está a Sé, o grandioso monumento, a coroar a cidade,

tem dado á Guarda um justificado renome por muitas e prodigiosas curas.

Nada ali falta, desde os mais aperfeiçoados aparelhos de que a medicina precisa, até ao aroma rescendente dos pinheiros que povoam o extenso parque que circunda os sanatorios.

Além dos tres grandes pavilhões,



GUARDA - A SÉ

outros ainda ha para os doentes que preferiam estar isolados, mas todos dispostos com grandes galerias envidra-



GUARDA
O CAMPO DE S. FRANCISCO
COBERTO DE NEVE

como uma aguia pousada no alto penhasco d'uma montanha de neve.

Modernamente a cidade egitanense, dispõe de vastos sanatorios, onde se vão curar os tuberculosos, tão perfeitos e tão bem dispostos, que teem ali chamado uma grande concorrência a qual

çadas e d'onde a vista se perde nas planices extensas de terras distantes de Hespanha.

A Sé só por si obriga uma visita á Guarda; poucos monumentos nacionais no genero d'ela poderão mostrar tão elevada e perfeita rectidão de columnas suportes da abobada, e esta em poucas outras cathedraes será tão perfeita em fechos e capiteis.

A escada que conduz ás abobadas, em caracol preguiçoso, parece á primeira vista que se balouça ou que se vae dorruir. E lá de cima sobre o enorme patamar, entre os rendilhados de granito que o circundam, gosa-se um extenso, belo e aspero panorama, que deslumbra a vista e captiva a alma.

Para leste vê-se negrejar pequenos povoados antigos de granito escuro, com a capela a alvejar ao meio, mais além, com a sua torre de menagem, ergue-se o Jarmelo, e lá distante Castelo Rodrigo abrigado á serra da Morrofa, alastra as ruínas das suas muralhas, e mais distante um pouco para o

norte, Villa Nova de Foscão, alveja alegremente no seu planalto; Trancoso, o velho baluarte respira os ares limpos da Beira, e ali em baixo, no extenso vale, Celorico da Beira, mostra o seu castelo legendario, junto Mondego que oscila com preguiça de caminhar para receber os flocos de neve que embranquecem a Serra da Estrela, des-

feitos em riachos murmurantes e cahindo em pequenas cascátas, como rosas que se desfolhassem para depois no caudal do rio, irem inspirar poetas á princeza do Choupal e desabrochar amores ás lavadeiras de Coimbra.

Eu tenho ligado á Guarda saudades que em mim vicejam com profundas raizes; foi ali junto á alta igreja da Misericórdia que eu subi para a Imperial da diligencia de volta á minha aldeia distante, como o meu diploma de exame de instrução primaria, metido n'um canudo de folha e deitado ao tiracol; foi no velho convento de S. Francisco hoje quartel de infantaria, que eu, de calcanhares unidos, ouvi uma voz catharrosa dizer-me que eu tinha sido julgado apto para a vida militar.

Por isso quando eu ha dias subia, pela encosta no auto-omnibus em direcção á Guarda, sentia mais avivar na minha alma essa saudade, d'aquelle tempo que foi ha dois dias e já me parece tão distante.

O auto avança rapido, pela estrada, sem covas até ao final da cidade, deixando passageiros envolvidos nos seus agasalhos, pois apesar do sol doirado

de março, um frio cortante como uma lamina, arrepia até os velhos carvalhos da encosta.

Essa arrepiada tarde, gastei-a, a vêr as obras da restauração da Sé, onde pedreiros trabalham lapidando o granito, e outros a desentulhar as campas dos monges, para que os labores das bases das altas columnas sobresaeam do entulho.

Pelas ruas nota-se um ar de progresso, são lojas que elevaram os seus tectos, são predios novos de fino granito que dão realce ás ruas largas, são edfícios antigos que se restauram.

O progresso ligado á tradição.

A noite desceu, e pela manhã, uma luz cinzenta de neve entrou no meu quarto, a convidar-me a ir á janela vêr um dos mais surprehendedentes espectaculos que a natureza pode oferecer á pobre humanidade.

As casas, as arvores, os campos e montes distantes tinham-se revestido de um grande manto de neve.

Toda aquella extensão que se perde em terras de Hespanha, pareciam um mar imenso, as arvores despediam sobre a terra em flocos de neve pendentes, bençãos e perdões, vindos do ceu com escala pelos ramos bemitos.

Ali fiquei toda a manhã, em quanto, como diz Augusto Gil, o glorioso poeta:

.A neve cahia
Do azul cinzento do ceu
Branca e leve, branca e fria,
.....

E a minha alma engrandeceu-se, encheu-se de orgulho por tudo quanto a vista distinguia.

Era a Suissa? Era a Italia? Era a Sibéria?

Não. Era a nossa terra!

GUERRA MAIO

CARREIRA DO BRAZIL

BREVEMENTE iniciar-se-hão as carreiras entre o Brazil e o continente Europeu, promovidas pelo Lloyd Brasileiro; devendo os vapores á ida fazer escala por Portugal e França, com terminus de viagem em Inglaterra; seguindo, na volta, itinerario inverso.

Pelo que respeita ao nosso Paiz parece-nos escusado encarecer as vantagens de tal emprehendimento, pois que—sem duvida—elle muito contribuirá para o estreitamento das relações entre as duas nações irmãs, que só tem a lucrar com o bom exito de mais esta tentativa.

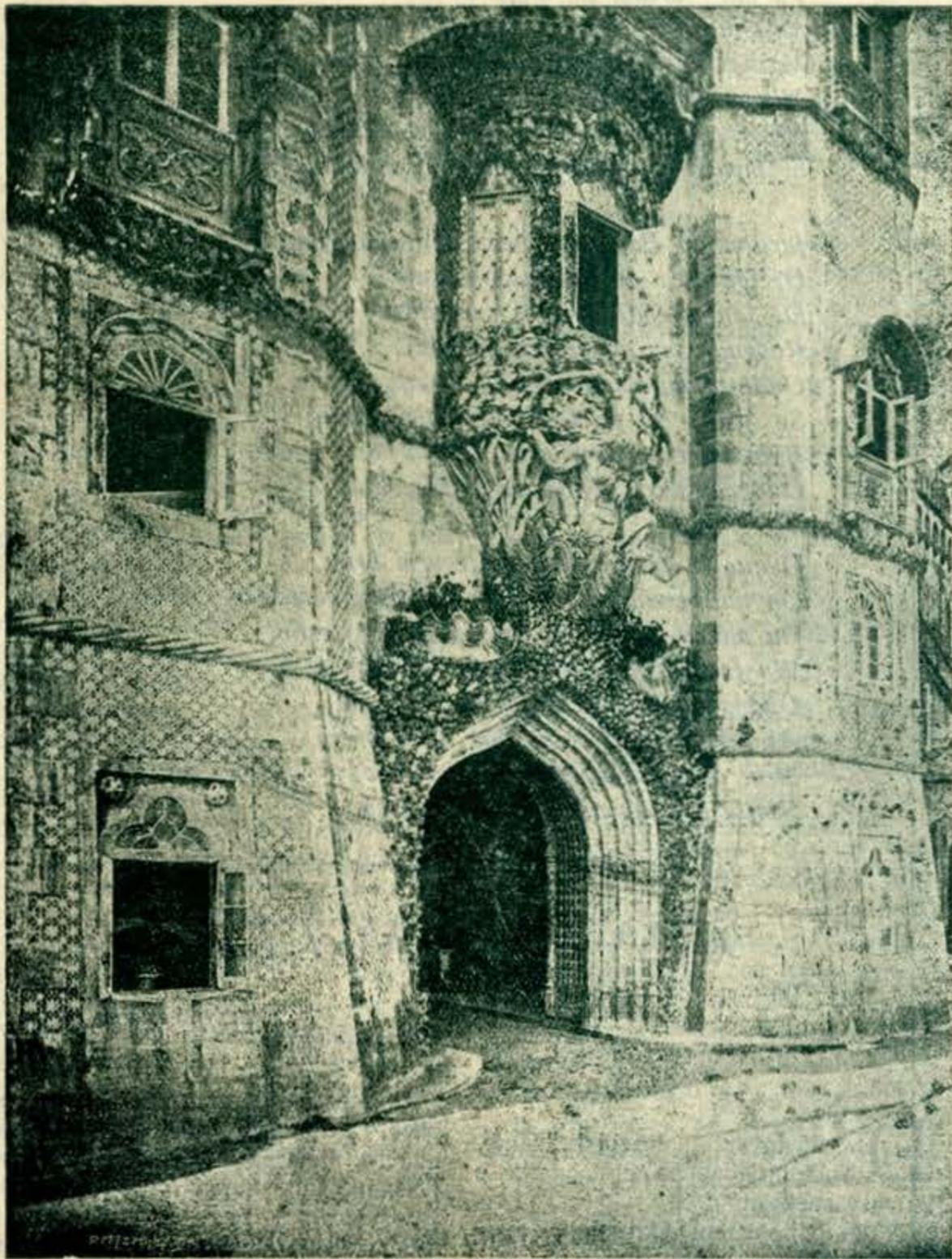
Castelo da Pena

O Castello da Pena, esse antigo Paço que se ergue no cume da magestosa Serra de Cintra como fiel vigia guardando a propriedade, rica, abundante e notabilissima d'este Portugal, é hoje justamente um monumento patrio.

A *Peninha*, como vulgarmente é co-

dava, n'ella fez levantar esse bello monumento, cuja construcção data do meiado do Seculo XVIII.

Na sua architectura ha um mixto de estylisações, subordinado a um espirito de singular eclectismo. Assim, o manuelino o gothico, o arabe e a renascença manifestam-se artisticamente n'essa adoravel obra com a maior belleza dos seus traços, sem, todavia, haver o entrechoque das imitações que



CINTRA—ENTRADA DO CASTELO DA PENA

nhecido esse rendilhado palacio que outr'ora fora habitação preferida dos reis, até n'essa predilecção se assemelha a uma das phantasias das «Mil e uma noites», ferteis em entreter o espirito humano com visões de sonhos.

Todavia, esse historico paço não foi architectado por nenhuma futil lembrança, mas delineado na feliz idea de El-Rei D. Fernando II, que, adquirindo por infimo preço, depois da extincção das ordens religiosas, uma parte do abandonado convento dos Capuchinhos e um pedaço de Serra que a circum-

fere a sensibilidade e offende o bom gosto. Todo esse precioso trabalho revela não só o cunho artistico de que aquelle monarcha era dotado, mas a intuição verdadeiramente nobre do grande scenographo José Cinatti, aquem foi confiada a planta e construcção.

O Paço da Pena é um dos marcos miliarios da intensa vida d'este glorioso Paiz, onde se lêem as estrophes d'esse precioso poema que perduravelmente consagrou o immortal Poeta dos Luziadas.

ARTE E LITERATURA

A PORTUGAL

DE THOMAZ RIBEIRO

*Meu Portugal, meu berço de innocente;
Lisa estrada que andei débil infante:
Variado jardim do adolescente,
Meu laranjal em flôr sempre odorante,
Minha tarde de amôr, meu dia ardente,
Minha noite de estrellas rutilante,
Meu vergado pomar d'um rico outomno,
Sê meu berço final no ultimo somno!*

*Jardim da Europa à beira mar plantado
De louros e de acácias olorosas;
De fontes e de arroyos serpeado,
Rasgado por torrentes alterosas;
Onde n'um cêrro erguido e requeimado
Se casam em festões, Jasmims e rosas;
Balsa virente de eternal magia
Onde as aves gorgeliam noite e dia.*

*O que te desdenhar, mente sem brio,
Ou nunca viu teus prados e teus montes;
Ou nunca ao pôr do sol, de ameno estio,
Viu franjas de oiro e rosa os horisontes,
Ondas de azul e prata em cada rio,
As pérolas e os rubis das tuas fontes,
Nem de teus anjos térreo paraizo,
Sentiu o magnetismo n'um sorriso.*

CONTO SINGELO

DE GUIOMAR MARIA

.....
DIA de inverno, de sol brilhante, sob uma abobada de pura e limpida saphyra.

N'um parque, cuidadosamente ajardinado, o socego era completo; tudo n'uma quietude tentadora.

Não corria a mais leve aragem.

As arvores, desnudadas, mostravam os seus esguios troncos como que radiantes pelo contacto dos raios solares, que as acalentavam tonificadoramente.

N'um serpenteado lago, a agua crystalina espelhava, fulgurantemente, as scintillações do Astro-Rei, produzindo effeitos pheéricos.

Emfim, uma perfeita mansão, sorridente aos caprichos d'uma felicidade philosophica.

Dois passarinhos, esvoaçando no espaço, attrahidos pela belleza d'esse quadro, tomaram a direcção do parque, poisando, um, sobre um debil tronquito, e o outro, á beira do lago. N'uma intima alegria, moveram-se em escuta do seu completo isolamento; e, assim convencidos, deleitaram-se n'um mavioso chilrear, travando entre si um incomprehensível, mas encantador dialogo.

...E as notas deliciosas emanadas n'uma suave harmonia, da pequenina garganta do que estava á beira do lago, iam responder ás que, do alto do seu tronquito, o outro passarinho lhe transmittia em apaixonado diapasão.

Assim estiveram algum tempo, como dois namorados fugitivos, aproveitando o isolamento momentaneo para ex-

pandirem os seus sentimentos amorosos.

... Mas como a felicidade não dura muito tempo, eis que a breve trecho, um canario muito amarello, tanto como o seu desespero e menos do que o seu ciume, veio pôr termo a esse melodioso colloquio. E, assentando arraijal n'uma haste, proximo do que se achava no tronco, começou n'um tão ardente vociferar que os outros dois seus companheiros do ethereo se quedaram em inquebravel mudez.

Alfim de muito cantar, e vendo que não era respondido, principiou assobiando n'um trinar tão forte e sonoro, que mais parecia um apito, dando a ideia de que pedia socorro e queria denunciar a existencia alli do delicioso par.

Os outros dois passaritos, interpretando, certamente, assim, o desatino do canario, trocaram, então, entre si umas simples expressões, a seguir ás quaes as suas pequeninas azas se abriram desdenhosamente, conduzindo-os para o além.

O canario, enraivecido por não ter transtornado a doce felicidade que vira nos outros, voou, depois, pressurosos em sentido contrario, talvez na esperança de encontrar auxilio para pôr em pratica a sua mesquinha ideia, já que sósinho e com as suas chilreantes cantigas, não tinha podido convencer a quem queria...

O lindo parque voltou ao seu recatado silencio; e com o esvoaçar dos tres passaros acabou-se a historia... ia já alto o sol.

Museu Bordallo Pinheiro

CONTINUA merecendo a maior apreciação este interessante museu, installado no Parque do Campo Grande e onde se aprecia uma valiosa colleção de trabalhos do eminente artista portuguez cujo nome ficou celesbrizado nas paginas da Arte nacional.

EXPEDIENTE

Anunciam-se gratuitamente n'esta revista todas as obras literarias que digam respeito ao "engrandecimento do paiz."

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, Largo da Abegoaria, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

EXPOSIÇÕES D'ARTE

JUBILOSAmente registamos o incremento que vão tendo no nosso Paiz de exposições de arte nacional, pelo que esse facto representa; nos seus varios aspectos.

Ultimamente, em Lisboa, tem-se realisado bastantes certamens d'arte, n'uma serie quasi interrupta, o que tem servido de incentivo para a effectivação de outros; e bom seria que elles não se restringissem apenas, ás bellas-artes na sua mais alta significação, mas tambem abrangessem productos das nossas industrias não só mechanicas mas de manufactura manual—e tantas temos dignas de serem apreciadas—taes como as das preciosas rendas de bilros, e de Peniche, a dos bordados dos Açores, das regionaes de Coimbra, do Norte e Sul do Paiz e muitos outros artigos, alguns dos quaes se acham já em exposição, taes como os tapetes d'Arrayolos e os que constituem o precioso ensinamento para uma boa dona de casa. Estes ultimos encontram-se em sempre patentes nos escriptorios da «Arte no Lar», á Rua do Alecrim; e sobre elles contamos publicar em breve um auctorisado artigo, devido á penna consagrada da brilhante escriptora Sr.^a D. Albertina Paraizo, que certamente produzirá o maior interesse.

No que respeita á dos tapetes de Arrayolos, que se acha installada no antigo muzeu do Carmo, vamos fazer-lhe uma resumida referencia pois que o espaço não nos permite que nos alonguemos tanto quanto ella mereceu á nossa especial attenção.

Nas salas onde out'ora se achavam a capella-mór e a sachristia do antigo mosteiro dos Carmelitas, encontram-se artisticamente dispostos preciosos e valiosissimos exemplares d'esses tapetes, que se iam tornando raros pela decadencia a que essa industria chegou.

E' uma exposição interessantissima, pois n'ella se aprecia tudo que é necessario á manufactura dos respectivos trabalhos, desde a lã, n'um pequeno rebanho de vivos carneiros que se acham no sumptuoso atrio guardado por pastorinho, até as obras completas, de diversos desenhos e matizes, algumas obedecendo propriamente ao seu typo caracteristico, outras imitando, os antigos tapetes persas, no delineamento dos ornatos e nos assumptos que conteem.

D'entre os exemplares expostos, ha um que, não só por ser raro como pelo seu valor, merece especial menção. E' todo feito de tecido de seda, em primoroso lavor.

Esse exemplar, avaliado em 900\$000 réis, pertence ao José Relvas, da Golegã.

Os tapetes que se acham expostos, são todos de propriedade particular; tendo a commissão organisadora d'esse certamen conseguido reunir uma grande colleção, interessante e valiosa pela sua diversidade.

A industria dos tapetes d'Arrayolos vae resurgir, devido a persistente tenacidade dos seus grandes adeptos, não só na sua primitiva origem, mas ainda n'uma escola fundada para esse fim, na Granja, e que se intitula «Grades Verdes» e outra na Casa Pia de Evora e ainda em varias casas particulares d'Arrayolos, cujas familias se estão empregando em restaurar a interessante industria Arrayolense.

Na demorada visita que ali fizemos tivemos a honra de ser acompanhados pelo seu principal organisador, sr. José Queiroz, o illustre antiquario que ha muitos annos vem empregando a sua actividade e intelligencia na arte decorativa.

José Queiroz é, além de um espirito restaurador da nossa arte tradicional, um grande amigo do Alemtejo, a infelizmente provincia. Infortunada dizemos por ser o repositório de tantos costumes interessantes e de tantas obras de arte nacionaes e não ser até agora conhecida—como é de justiça,—por todos quantos amam a nossa Patria.

E o amor do illustre artista pela terra alemtejana manifesta-se bem, não só na exposição de tapetes que acaba de organizar, mas nas curiosidades alemtejanas, como sejam as dobadouros, de varios systemas, a arca da roupa, a banquinha da bordadeira com a abertura central em fórma de um coração, os lavores feitos em cortiça, pelas mãos pacientes de pastores e uma colleção de bonecos, em olaria barata, de costumes alemtejanos, etc.

E' pois muito para louvar essa iniciativa, e oxalá outras a seguissem com o que muito viria lucrar o tradicionalissimo regional.

De pintura por Souza Lopes

A exposição que o eximio pintor Souza Lopes levou a effecto na Sociedade Nacional de Bellas Artes tem sido o *clou* d'esta temporada artistica.

Se não bastasse o nome laureado d'esse mestre para levar áquelle templo d'arte uma selecta e distincta concorrencia, as suas produções d'arte, actualmente ali expostas, constituiriam

attractivo sufficiente para que esse certamen fosse bastante visitado, como tem sido, o que representa uma verdadeira consagração para o seu promotor.

Souza Lopes querendo distinguir ainda a sua bella idéa por um facto de alta significação patriótica, preparou e levou a effecto, em uma das noites passadas, um delicioso serão d'arte, no qual tomaram parte figuras distinctas nos nossos meios artistico e litterario e cujo producto reverteu para as familias dos soldados portuguezes em campanha.

De pintura por D. Adelaide Lima

A sr.^a D. Adelaide Lima e Cruz, que foi dilecta discipula do eminente professor Carlos Reis, apresenta no Salão Bobone, uma exposição de trabalhos a oleo e a pastel, originaes d'esta professora e das suas discipulas.

Os quadros expostos representam, na sua grande maioria, copias de natureza morta, algumas, porém, reveladoras de perfeita concepção artistica.

De caricaturas por João Valerio

EM uma ampla sala da Redacção do nosso prezado collega «O Dia» expôz o collaborador artistico d'aquelle Jornal, Sr. Dr. João Valerio das Neves Pereira, uma colleção de caricaturas em desenho, interessante principalmente pelo genio que esses trabalhos representam e, ainda, pela clara e lucida applicação d'uma incontestavel arte a situações politicas que mais se tem destacado no nosso meio.

D'entre elles não podemos deixar de fazer referencia especial ás caricaturas de Raphael Bordallo Pinheiro, de Augusto Rosa e de Theophilo Braga, que revelam uma extraordinaria facilidade na impressão do artista, além d'uma incomparavel certeza de traço; «Eva», no paraizo, estylo rectilíneo, soberto pela sua originalidade, que muito se assemelha ás inspirações das Phydias, e outros cuja *charge* humoristica é flagrante.

Esta exposição foi muito apreciada e a ella concorreram numerosos admiradores do espirito artistico do Sr. Dr. João Valerio, que, além de ser um advogado distinctissimo, é tambem possuidor de sentimentos que muito o nobilitam.

Este certamen foi effectuado expressamente para que o seu produto reverta a favor do Collegio da Regeneração, em Braga.

THERMAS DO ESTORIL

A Garage

JÁ por mais de uma vez temos aqui tratado das grandiosas obras para as novas instalações das thermas do Estoril, acompanhando-as de gravuras elucidativas dos diferentes edificios que hão de compôr a mais importante estância de turismo que em Portugal exista.

Prometemos ir dando gravuras de todas as principaes instalações e anexos e temos cumprido, publicando algumas de edificios em construção e de outros ainda em projecto.

E' de um importante anexo que hoje tratamos, que é o edificio proje-

A cobertura da *remise* será em ferro.

O recinto e o edificio, será iluminado a luz electrica, com profusão na parte destinada aos automoveis e entrada.

Entre os grandes janelões do primeiro andar e do pavimento terreo serão colocados dois *panneaux* de azulejo decorativo, a côres.

Esta obra, que a crise provocada pela guerra de extermínio que assola a Europa, vae em trez annos, fez paralisar, como outras muitas de que proviriam o progresso e bem estar do mundo, está orçada em trinta contos de réis, e não será, depois de concluida a menos interessante das instalações da Estação Thermal do Estoril.

N. C.

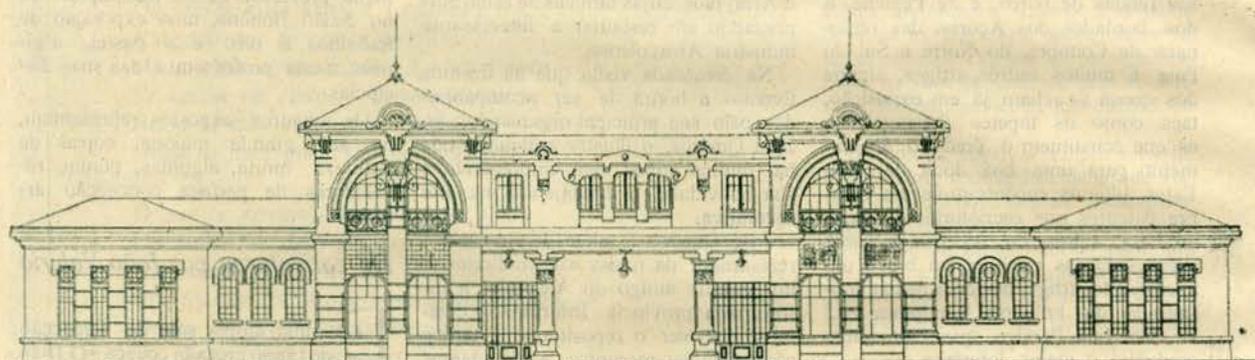
para o illustre engenheiro que preside á Direcção dos Caminhos de Ferro do Sueste, por terem atendido as nossas reclamações.

Bem hajam pois.

Assim, a partir do dia 10, será restabelecido o comboio das 8,15 de Lisboa, levando passageiros para toda a linha do Alentejo, até Beja e para os ramaes de Moura, Mora, Vila Viçosa e Montemor, onde se chega respectivamente ás 14, 15; 16,50; 15,5; 16 e 12 horas.

No sentido inverso parte-se de Moura, ás 6, de Vila Viçosa, ás 6,15, de Mora, ás 6,40, de Evora ás 9,28, de Beja ás 8,30 e de Montemor ás 10,10; para se estar em Lisboa ás 14 horas.

Como se vê o horario é o antigo, com uma modificação na linha de Vila Viçosa, no sentido ascendente,



PROJECTO DA GARAGE

tado para garage, de que é auctor o distincto architecto, sr. Antonio Rodrigues da Silva Junior, tambem auctor de outros projectos para as mesmas thermas.

O edificio compõe-se de um corpo central em dois pavimentos e de dois corpos lateraes n'um unico pavimento, ficando posteriormente uma *remise* circular coberta por um alpendre, destinado a alojar cêrca de trinta automoveis.

A disposição da *remise* de automoveis como está, teve em mira resolver o problema com economia muito sensível, sobre a despeza em que importaria cobrir completamente todo o espaço necessario para abrigo e manobras de entrada e sahida de automoveis. Julgamos, pois, tal solução bem achada para o fim desejado.

A edificação será de alvenaria ordinaria, cantaria e cimento armado e vigamentos de madeira; recebendo cobertura do telhado, modelo marsehez.

As canalisações de exgôto serão em grés, com sifões interruptôres.

Os motivos decorativos das frentes e pilares de entrada serão fundidos em cimento armado, para receberem revestimento proprio e serem pintados a oleo, a imitar pedra.

Alteração do horario do Sul e Sueste

VÁE ser no dia 10, radicalmente modificado o horario do Sul e Sueste.

Comprehendeu enfim a Direcção d'aquelle caminho de ferro o grande trans-torno que o actual horario fazia ao publico.

Rejubilamos com o facto, não por sermos nós, o unico jornal de Lisboa que se insurgiu contra tão injustificada medida, mas por ser o povo alentejano, mais bem servido pelo seu caminho de ferro, além do dia 10.

Infelizmente a nossa imprensa, com rarissimas excepções, só cae a fundo n'uma questão, por coisas politicas, ou quando os seus interesses directos são affectados.

A *Revista de Turismo* não se fez para derrubar nem elevar tribunas a ninguem, trata dos interesses do publico e do turismo, e, por isso todas as nossas homenagens são para o Digno Conselho de Administração e

de forma, que de todas as estações d'estas linhas se possa vir á capital, sem noitada e chegando-se a optimas horas a Lisboa, para tratar de negocios.

D'aqui para lá, para todos aqueles pontos, tambem se pôde fazer a viagem a magnificas horas.

Para o Algarve fica só o comboio da noite, mas é prolongado o comboio de Beja a Garvão, até Faro, e no regresso, inicia a viagem n'esta estação ás 8,35 para estar em Beja pelas 18,30. E' um comboio ronceiro, mas muito util para o serviço interno das estações de Beja a Faro.

Com o novo horario desaparecem os negregados comboios n.ºs 4 e 7, a infeliz emitação dos n.ºs 9,15 da Companhia Portugueza.

Até que enfim se emendou o erro. Mas mais vale tarde do que nunca.

Touring Club-Suisse

Acabamos de receber o ultimo numero do Boletim Official do «Touring Club-Suisse», relativo a Março passado.